



## O SALÃO DOS HUMORISTAS

**F**echou o Salão dos Humoristas onde nada faltou — nem sequer humôr.

A mascara da comedia grega tem as pupilas cegas; das orbitas vasias escorre implacavelmente o filtro da ironia. Tem a fonte serena como uma rocha inacessivel. A boca retezou-se, fez-se gladio; e esparços na sua face petrificáram sulcos do filtro num riso que se sente, acordados a uma voz que se advinha lendo o elogio esteril das coisas vãs.

A mascara do Humor dos nossos humoristas é cabeçuda e sombria. Tem o cráneo luzidio e liso, os olhos encovados, e as pupilas olham baixo, desconfiadas, sob as pálpebras papudas. O rosto é um bocejo calmo. O bigode grisalho gradeia a bôca, apanha o beijo inferior, caído e desageitado. Tem pêlos nos ouvidos. Ata ao pescoço uma gravata bicolôr, e encheu de caspa a gola do casaco. Não é a mascara do Humor: é um retrato a crayon de amanuense com filhos e letras no fim do mez.

Ora succede que na Rua Ivens ha uma sociedade de pessoas limpas, genios calvos, sujeitos ornamentaes de esquinas do Chiado, proprietarios em Mato-Grosso, primeiros officiaes, e outras forças publicas — o que se considera o equilibrio nacional —, denominada, como muito era de ver — *Gremio Literário*. Á sombra deste oloroso roble (já Eça de Queiroz lhe chamou faia) gosávam os Poderes Constituidos as delicias estivaes, perdêram portadores de nomes vastos a derradeira charneca, e *brazileiros* considerados, junto ao fogão, sonham mudanças de cambio, olhando o fogo, pensativos.

Por uma ironia singular aqui abriram os humoristas o seu primeiro Salão.

A tentação dum artista que muito préso, enleou-me a tal ponto que me achei comparsa na inauguração. E porque me pareça de particular interesse para os anaes do humorismo o que então vi, e ouvi, aqui deixo de tudo imparcial relato, pedindo desculpa a todos de qualquer falta que a pena ou a memoria inconsideradamente hajam de acaso cometer.

O que ao primeiro relance mais feriu a minha vista (devo dizê-lo?) foi o amavel aspecto dos artistas, numa tal compostura que muito era de agradecer; pois alguns houve que dentro de seus habitos davam mostras de sacrificio, e em todos era muito curioso ver o ar endomingado que tinham querido tomar para melhor receber os visitantes.

Mas logo o meu olhar se desviou para uma pequena e volumosa familia que ante o autor encarecia uma sua produção. Era o desenho, se bem o vejo ainda na memoria, a alegre frescata duma familia no campo gosando os ocios dominicaes; e tinha ao alto, em classificação—*Caricatura impessoal*. E mostras de tanto agrado lhe estava dando o grupo, em tão contentes sorrisos, que logo o chefe apeteceu te-lo à mão, no proprio domicilio, e com amigos e conhecidos continuar o gôsto que lhes dava e iam comentando:

—Este é o Zé Luciano. . Este agora... é o Bernardino...

A digna esposa, se bem que asoberbada de calôr, quis tambem conhecer uma figura:

—Olha: este é o *José Povinho*...

Até o menino, muito redondo, espalmou o dêdo no vidro

—Este é um burro!

E era: tinha falado a innocencia.

Chego-me agora a um grupo elegante onde o galbo marinho de dois corpos me prende o olhar, em caricias ondulantes. Paráram indecisas, a meio do salão, esperando a mãe. Têm na linha dos flancos uma volupia vegetal tão enleante e nobre que di-las-hieis filhas de ogiva e incestos de luar. O ritmo das suas curvas embala-me; e sem eu saber, junto do grupo me sinto e dum senhor impecavel que se ficou cumprimentando a mãe com modos de cão de raça.

—Ainda bem, ainda bem que o vejo. Lisbôa está um horror, sabe? Muito calor, pouca gente, más caras... Tudo isto me fatiga e me aborrece. Vou passar um mez ao norte, em casa da Carlota.

Ficou desolado. E logo perguntou, muito familiar, se as pequenas tambem iam, quando voltava, onde iria fazer o seu agosto; e rematou, indicando as paredes:

—Engraçado...

Já as pequenas descobriram um aprendiz de heroi, da Politecnica, todo a estoirar na farda, que sussurra malicias a um colega mirando a caricatura. Cumprimentos.

—O seu amigo Souto pareceu-me tão môno...

- Sim? Que fez você ao rapaz?!
- Ora essa; perguntei-lhe pela Luiza Vianinha, se gostava mais de a ver em casa ou no jardim...
- Essa é bôa...
- Ouça lá: quem é aquele que está a olhar para aqui?...
- Sim, o mais alto...
- Ah! esse é *cá da coisa*... Cá das piadas...

Logo me perco entre a gente que vem entrando, e se espalha pelas salas, aos primeiros cuidados dos humoristas que prodigalisam explicações, antevendo hipóteses mercantes, em frases cautelosas, envolvidas em manteiga, a sentirem-se acanhados na arte de ser galante.

Agora é a vez da mocidade das escolas, que vem entrando: teem feminilidades no andar, sorrisos incolores diante tudo, e atravessam as salas na ponta dos pés, afeiçoando com a dextra o penteado.

E novos grupos entram.

Lá vem eles todos, os criticos de botequim. Olha o Lucio como vem formoso: — bem se vê que já come á mêsã do orçamento. E o Quirino cada vez mais vêsgo desde que o Lucio come bem e ele roe as unhas.

O Lucio achou muito acabado, muito *grêgo*, aquele pano das Três Graças; atraz o Quirino teve um silencio.

Lucio, o principe do adjectivo, ergeu o monóculo, em lentidão liturgica, poisando-o num grupo tagarela, tocando numa rapariga airosa curvada ante uma estatueta, desviando-o pelas parêdes.

— Incisivo... Pictural... Este rapaz — e olhava em torno, a lapidar o gesto — é sobretudo metafísico!

O Quirino vá de se encolher num silencio mais distante. E o Lucio, sempre muito parnasiano a recortar o gesto:

— Você dedica-se à metafísica?

O Quirino, acordando:

— As vezes... Em familia...

Chega a gente à *tér rasse*: — a cidade entorpecida sob as patas da canicula, telhados, o rio, uma falua soltando vôo, e os montes da Outra-Banda num velador da luz.

Ha um delírio de côr na casaria: e vejo basaltos extáticos em adoração às penumbras da rua, gritos estridulos em bairros populares, grotescos tons tuberculosos cegos na festa da vida.

Para além do rio os longes tentam-me: os longes são cólos de cisne, gestos de corpos femininos que se entregam na distancia.

E um momento, estirado na cadeira, os meus sentidos vivem embalados num além-mundo inconsistente e vago...

Como a meu lado um genio official soletra o *Figaro*, volto para dentro. A sombra envolveu a sala por tal fórma que os meus olhos cheios de sol mal conseguem distinguir todo um escorrer de figuras, vestidas de penumbra e de silencio. E todas caminham, todas coleiam, todas se somem, sem ruido, não se vão acordar umas às outras. Entrou agora o Poder Executivo, seguido dos homens graves, dos detentores da Constituição. Os artistas ficaram-se todos em fila, como tochas de enterro, em frente ao Estado. O Marta, junto à mēsa, tornou-se mais soléne ao entregar a pena, solicitando o nome. E o Poder Executivo nem sorri: o Poder Executivo considera... Escorre das salas uma tal melancolia, que a gente, sem saber como, se sente levado nela; e sob o público curvado a inscrever o nome, me pareceu ver na sombra uma larga tarja preta nessa folha de papel onde os nomes se sucedem, isocronissimamente. Aquela bandeja, sobre a mesa, coberta de papeis, estranhamente me perturba: e sobre os ombros hirtos lancei meus olhos, ansiosos de a descobrirem, presos na sedução do que ela ocultará.

E eu vi, eu vi então o Marta sobraçar a bandeja, dela ir tirando velas que estendia aos convidados. Na moleza das sombras uma figura andava dando ordens, numa voz tam serena e tam sumida, que só junto de mim eu a notei. Era angulosa, elastica, vestida de escarlate, com os labios vermelhos e a cinta duma vespa. Tinha no olhar um ruidoso escarneo, e as commissuras delidas de quem na vida só ri e vence. Trazia um letreiro na ponta do chicote, como os *Varões* do snr. Valença, dum sabor a farça e carnaval: *A Caricatura*. E puxando no braço do snr. Alfredo Candido, murmurou-lhe ao ouvido, discrectamente:

—O cavalheiro tem a bondade... Vai para o segundo turno...

Não dizia eu aos senhores que nada tinha faltado,—nem sequer humor?

Ao de cima do que aí se vê fazendo cócegas à vista—os marujos do snr. Candido, e o pim-pam-pum em barro do snr. Coisas—surge um artista tam distante de todos os bons senhores humoristas, que é, se os cavalheiros dão licença, o mais perfeito, o unico até agora perfeito artista da caricatura nado e criado em terras de Portugal.

Cristiano Cruz, o mago da ironia,—olhos quebrados para as coisas de enredor, varando um além ideal de linhas em que desnudam o mundo das vestas usuaes para apenas verem na vida o caricato e o comico. Visão estranha, evocada em relevos, fantasmagorias de nórdico escritor, erguendo para àquem da vida um claro velador em que a vida perpassa só no que tem de caricatural,

—visão que torna este artista irmão gêmeo dum Balzac do grotesco, nunca lido.

Fazer caricatura é seguir as sombras das figuras, ora alongando-se em picaresca ronda de espectros-marionetes, agora fluidicas e misteriosas, logo já nedias e anafadas como a gordura dum felizardo. É vincar nas linhas da sombra humana o proprio riso, —como o esqueleto é a memoria grotesca duma cortezã gloriosa.

Da vida se ergue uma carícia múrmura que nos roça com azas de crepusculo, e nos enleia em ciciantes vozes marinhas, e nos envolve em sonho, a desmaios de luar. Então, à hora hiperlucida do espírito, a gente escuta as confidencias maguadas que têm as fontes, primeiros deslumbramentos de flores a abrir, as epopeias altas dos Oceanos e o silencio das aguas mortas. Isto se diz sentir a vida.

Mas entre a multidão que reduz a si-mesma a razão da existencia, ha conflitos, situações, gestos e traços que o homem criou à sombra do passado, ao sol maneiro dos dias correntes. E tam *feita* é a vida que aí vai andando, que a cada gesto o homem desenha um arabesco cómico, e da mais trágica situação se levanta a ironia aveludadamente. Só o dandi ideal num mundo supersensível atingiria a negação do grotesco. Mas—ai!—o dandi ideal não usaria chinó?

Porque tanto o ascetismo de Simeão Stilita como a vã oratoria dum legislador têm em si-mesmos a linha caricatural, desenhando-se, tornando-se relevo ou diluindo-se nos longes. Destacar essa linha, atacando na medula o cómico, e com ela o conflito, a situação, o gesto que a gerou: e eis o caricaturista.

Por isso mesmo, a historia da nossa caricatura realiza o paradoxo de ter primeiro capítulo no que ainda está para vir. E' ver o que se fez desde os tempos de *O Patriota* até aos nossos dias, em que Bordalo conseguiu um nome enorme. A nossa caricatura tem andado atada à politica, em torno dela vivendo e dela se sustentando; a tal ponto que mais parece ter sido promovida pelo grande Fontes a Acto Adicional da Carta. E mais tarde, quando o seu historiador procurar a mais bela figura da sua primeira idade, com grande pasmo achará, em vez de Rafael Bordalo, o Partido Progressista; e a curiosos estudos será levado para saber o local preciso onde floresceu então, no Terreiro do Paço, a, ha muito extinta, Direcção Geral do Humôr.

Esta maneira de ser do artista em que nos acostumámos a ver o mestre da caricatura portugüesa, tanta influencia tem exercido que não ha maneira do público encarar uma figura que não pergunte quem é, se o prolixo desenhador lhe não escreveu na saia a legenda elucidativa: *A Opinião*. Anunciou-se a exposição de alguns trabalhos de Bordalo neste primeiro Salão dos nossos humoristas. O velho mestre, á entrada do certamen, vinha servir de fiador aos novos: e o público passou sem reparar no mestre. A vida é por demais complexa para que alguém julgue Burnay o centro do universo; e o snr. José Luciano está de sobejo esquecido para que valha a pena recordá-lo.

Ora este grande artista em que lhes falo, Cristiano Cruz, nunca pensou em pôr um rabo ao que vai adiante para o que vai atrás se rir da graça (parece que era assim a Caricatura nos dias joviaes do Passeio Publico). Nunca notou os bons senhores da politica, porque a sua visão o elevou ás sobrias linhas caricaturaes. E tal serenidade anda esparsa na sua obra, que os que andam no mundo esparralhando o olhar nas coisas que os rodeiam hão-de julgá-lo uma rara tèmpera de romancista, lançando atravez duma nobre educação filosofica syntheses da vida nos aspectos que o tentam e o rodeiam, quando ele é simplesmente—um caricaturista atingindo a apolinea serenidade de quem encara a vida e a fixa em traços, como a sua visão lha entrega.

Diabolica figura de mago, riscando na grande noite de Walpurgis a tragica e grotesca legenda da vida,—na legenda da vida ha fogueiras a arder, carnes melodicadas bisando a cançoneta da castidade, em mãos de santos açucenas maculadas do roçar de azas dum môcho, cortejos funebres com arlequins pegando ás borlas, Venus dizendo missa, e o velho Deus inspecionando o mundo em dirigivel.

A vida vestiu-se com a farda rica de Conselheiro: o mago despiu-lha — e ficou um nanequim.

O humor de Cristiano, porque vem dum sensitivo, solitario fauno flagelando ao látego da ironia, é sombrio como os espiritos que se ferem nas arestas do vulgar. O humor de Almada Negreiros é aberto, primaveril, como um belo corpo môço senhor da sua nudez. Perpassa por todo ele um sôpro de graça adolescente, de quem vive grifando as coisas com sorrisos leves, sobre elas passando leve, deixando empós de si um sulco de ironia, como uma deusa alada a memoria acariante das suas azas. Dentro deste caracter a sua obra assume aspectos bem diversos, onde por vezes a roça a influencia, da concepção à tecnica, de Cristiano Cruz,—o que nada é de extranhavel num artista em formação, enleado na obra perturbante de um outro artista grande, já feito. No que Almada Negreiros se irmana com Cristiano é na escolha nobre dos assuntos, nunca deixando o seu espirito resvalar fóra dum circulo intelectual — onde não entram as piadas cocegentas dos outros bons senhores que lá andáram travancando as parêdes com ditos e bonecos muito de espevitar sorrisos detraz de leques em serões Pires ao domingo. O mesmo não é de dizer de Jorge Barradas, em em cujas caricaturas ha transparentes ingenuidades que deixam ver nele um futuro artista de elegancias, sabendo colear uma mulher, gracificá-la, tocá-la de donaire, com uma inteligencia que a observação da vida ajudará a completar e a fazer perfeito. As poucas coisas que expôs, são uma revelação de ineditas qualidades, que nem sei de artista do traço ou do romance que em nossos dias tenha tentado o seu campo. Claro que a Barradas começa por faltar conhecimento da vida que dê para expandir um temperamento;

mas tal como nos aparece, com os seus defeitos e as suas infantilidades, não vejo ninguém deste Salão, depois de Cristiano e de Negreiros, nem dentre os carregados de anos e serviços de chalaça aos Poderes Constituídos, que de longe se aproxime com o que faz este moço, ainda tão só em germen dum artista.

O que dizer do resto? Para que falar do snr. Valença que se deu à singular curiosidade de pôr em riscos e côres as larachas de almanach, tomando a Caricatura por Calino?

Tambem Emerico Nunes, já conhecido dum anterior certamen, aqui expõe caricaturas—scenas infantis da Alemanha, uma mui saborosa evocação do Império, rondas de crianças em ar de kermesse flamenga—duma tão natural ingenuidade em gente do norte que só o muito lusitano *Nunes* nos deixará ver ali alguém de Portugal.

Ha tambem o snr. Ferreira, que faz caricatura de calças e outras peças de vestuário dos soldados e mais pertences do batalhão onde o seu humor funciona.

Ora dada a exuberancia de produções, emolduradas na cócega por amanuenses de notários, ocorre perguntar porque faltou aqui Luis Felipe, dandi do traço, artista das coisas delicadas, volutuoso encantador de corpos de mulher, tecendo situações galantes com a finura dum Barbey do traço. Porque faltou Stuart Carvalhaes, em cuja obra ondeiam sob uma neblina de grande cidade, noturnos e marchas, caladas tragedias da gente humilde, erguidas a uma ironia melancolica, fugaz, brumosa...

E agora que enxotei de mim todo esse enxame de senhores —oiço dizer que trinta e tantos!...—que à falta de qualidades para um emprêgo normal, deliberaram fazer humor, certos de que ninguém o irá fazer sobre eles, com descanço e regalo lhes quero falar dum artista encantador, Ernesto do Canto, modelador de ritmos em figurinhas de barro. Porque as suas estatuetas formáram na Exposição um pequenino mundo perfumado, antecamara da malicia que não chega a tocar o vicio. Figurinhas graciosas de Nuremberg feitas ao sôpro do Boulevard, tentavam-nos a vista em curvas aliciantes, vestidos modelando corpos em ansia de escultor que presente a caricia das carnes, o galbo dos quadris, religiosas orações dos seios sob a gotica maravilha dum garganta caindo num extase promissôr. Ha tal leveza e tal gracilidade no pequenino mundo de barro, que cada figurinha se transforma em capitosa planta de *boudoir*, alma-mulher, dizendo-nos em aromas perturbantes segredos intimos, a carne môrna, confidencias de velho espelho, coisas que sabe um tapete mui discreto... Não viverá na alma deste artista um pouco do humor esparso e vago que o snr. Marcel Prévost muito entendidamente foi ajuntando em três volumes de Cartas? E sonha a gente uma ronda requintada das mulheres

requintadas de D'Annunzio e de Lorrain,—essa das belas mãos, aquela das veias altas, princezinhas nenufares suflando vida no barro, erguendo corpos de ogiva ao seu halito escultor...

Prometem os humoristas futuras exposições. E pois que desta não logrou ficar uma expressão geral que alguma coisa diga do seu caracter, pergunta a gente a si-mesmo qual é a face do nosso humor.

Bordalo enquadrou-o num tólo de profissão, simples pagador de impostos, a que chamou—Zé Povinho. Fôra ele evocar longas historias de frades satiros, correndo por estalagens ao choutear da mula, requestando môças, dizendo á lareira, com o fôgo iluminando as suas coxas peludas, historias picarescas de fazer rir em redor recoveiros e almocreves,—e teria entrevisto a face do nosso humôr.

Era assim tambem a mascara de Rabelais, tal como a fui encontrar numa velha gravura do seu tempo...

9 de Junho.

*Veiga Simões*

